

Revista
do
Instituto Genealógico da Bahia



num. 12
ano 12

REVISTA DO

INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA
BIBLIOTÉCA

INSTITUTO GENEALÓGICO DA BAHIA

ANO XII - N.º 12



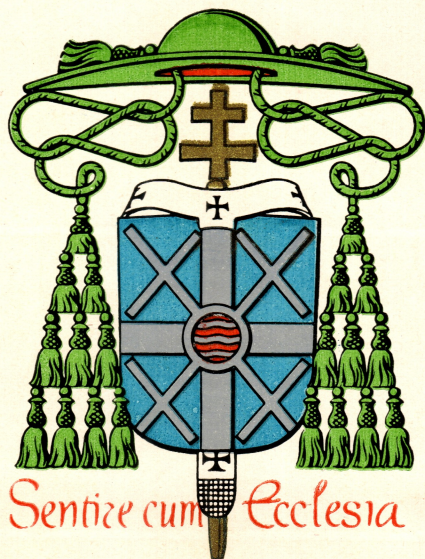
OS DESCENDENTES COLHERÃO OS TEUS FRUTOS

1960
TIPOGRAFIA MANÚ EDITORA LTDA.

HERÁLDICA

BRAZÕES NOVOS

Ir. Paulo Lachenmayer O. S. B.



D. MÁRIO DE MIRANDA VILAS-BÔAS
3.º Arcebispo de Paraíba

* na cidade do Rio Grande, Rio Gr. do Sul: 4-8-1903

Filho de: Rafael Diniz de Vilas-Bôas

Rita de Miranda Vilas-Bôas

Ordenado sacerdote: 6-12-1925

Catedrático do Ateneu Sergipense

Assistente Eclesiástico do Centro D. Vital

Secretário de D. José Tomas, Bispo de Aracajú

Diretor da Obra das Vocações Sacerdotais

Vigário Geral da diocese de Aracajú.

Nomeado 3.º bispo de Garanhuns: 26-5-1938

Lema: Sentire cum Ecclesia.

Sagrado: 20-10-1938 por D. José Tomas Gomes da Silva, Bispo de Aracajú

D Adalberto Sobral, Bispo de Pesqueira

D. Juvêncio Brito, Bispo de Caetité.

Tomou posse: 21-11-1938

Transferido para a sede de Belém do Pará: 10-9-44

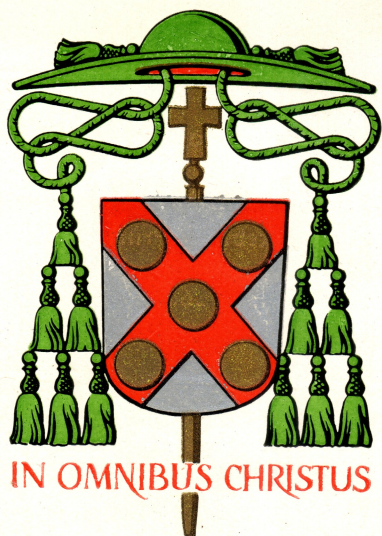
Tomou posse: 5-1-1945

Transferido para a Sede-primacial da Bahia, como Coadjutor cum
jure sucessionis do sr. Arcebispo Primaz: 23-11-1956

Tomou posse: 27-5-1957

Eleito 3.º Arcebispo da Paraíba: 27-6-1959

Posse: 27-9-1959



MANUEL TAVARES DA ARAÚJO

3.º Bispo de Caicó

* na cidade de S. José de Mipibú, Rio Grande do Norte a 7-7-1912

Filho de: João Feliciano de Araújo

Maria Fortunata Tavares de Araújo

Ordenado sacerdote: 25-10-1936

Pároco de Angicos: 15-11-1936

Eleito bispo de Caicó: 10-1-1959

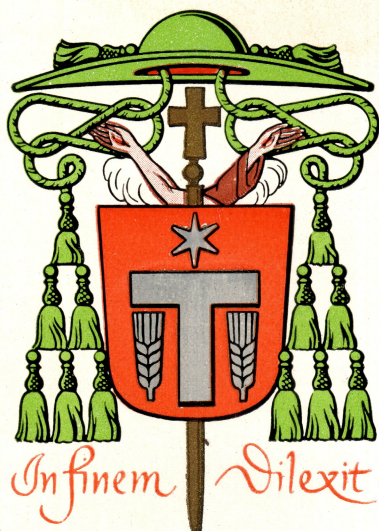
Lema: In omnibus Christus.

Sagrado: 5-4-1959 em Natal, por D. José Medeiros Delgado, Arcebispo de São Luís do Maranhão

D. José Adelino Dantas, Bispo de Garanhuns

D. Eugênio de Araujo Salles, Bispo auxiliar de Natal.

Tomou posse: 17-5-1959 (dia de Pentecostes).



D. FREI EDILBERTO DINKELBORG O.F.M.

3.º Bispo de Oeiras

* em Epe, Westfália, Alemanha: 7-11-1918

Filho de: Bernardo Dinkelborg

Gertrudes Dinkelborg, nascida Meier

Batisado: 10-11-1918

Entrou na Ordem Franciscana em Pesqueira: 28-6-1936

Professou: 29-6-1937

Ordenado sacerdote: 19-6-1943

Assistente Eclesiástico do Círculo Operário da Bahia: 1944-48 e
1958-59

Pároco da freguesia de St.º Antônio de Aracaju 1951-58

Eleito Bispo de Oeiras: 20-6-1959

Lema: "In finem dilexit"

Sagrado no Convento de S. Francisco do Salvador da Bahia:
11-10-1959 por

D. Armando Lombardi, Núncio Apostólico no Brasil,
D. Fernando Gomes dos Santos, Arcebispo de Goiânia,
D. Anselmo Pietrulla, Bispo de Tubarão.

Tomou posse: 31-10-1959

Escudo: De vermelho uma cruz tau entre dua sespigas de trigo e encimada por uma estrêla de seis raios, de prata.

Insignias: Episcopais: Chapéu prelatício com três fileiras de borlas, de verde e cruz processional com os braços de Cristo e de S. Francisco cruzados.

Lema: "In finem dilexit".

Comentário: As palavras do lema deram a base para as figuras honoríficas do escudo. Deus é Amor. (Escudo vermelho). E esse Amor manifestou-se visivelmente em Seu Filho Unigênito, que por amor se fez carne (Estrêla de Belém); por amor deu todo seu sangue (cruz na forma franciscana do tau) e nos amou até o extremo-in finem (João 13,1 - no pão da Eucaristia (Espigas de trigo).

Fazer conhecer e amar esse Deus-Amor, eis a missão de todo cristão, mas em particular do bispo que por excelência deve se tornar um arauto de Cristo.

As espigas lembram também a Epe, cidade natal do armigerado, em cujo escudo as encontramos.

Salvador, 17 de setembro de 1959.

Ir. Paulo O. S. B.

HERALDICA

BRAZÃO DA FAMÍLIA MONIZ BARRETO DA BAHIA

O. Guerreiro de Castro

Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1960.

Ao Exmo. Sr. Dr. Pedro Moniz Barreto de Aragão, meu ilustre e prezado amigo:

Em vésperas de ser operado dos olhos e com o justificado receio de que a doença venha a agravar-se, não quis demorar mais esta explicação de há muito devida e, na impossibilidade de escrever, resolvi dita-la.

Em 1917, quando contava, apenas, 25 anos, atrevi-me a escrever, na revista "A Bahia Ilustrada", modesto resumo genealógico sobre a família Moniz, fixada na Bahia desde o estabelecimento do Governo-Geral, ali se ramificando, até hoje, na mais ilustre e nobre descendência.

Naquele despretencioso ensaio, com a desenvoltura e ousadia da mocidade e, mais, sem a prática e experiência dos anos, tracei uma genealogia rica em enganos e anacronismos.

Mais tarde, com a reflexão, a ponderação da idade e o estudo amadurecido da matéria, envergonhei-me ao reler o meu artigo de então e senti-me no dever de confessar o meu erro, os meus enganos, esperando a compreensão e a excusa dos que leram naquela época e ora leem esta minha explicação.

Para começar, devo dizer que Moniz, como se sabe, é patronímico de Monio ou Moninho, nome godo, desde os primórdios da monarquia portuguesa era usado por filhos de pessoas que assim se chamavam. Daí, não poucos linhagistas relacionarem Monizes, que de comum tinham apenas o fato de serem filhos de Monios, com outros Monizes, sem que, todavia, entre eles houvesse qualquer parentesco.

Há neste sentido um fato muito curioso, o de Egas Moniz, que assim se chamou por ser filho de D. Monio Hermiges, embora nenhum dos filhos e netos do aio de D. Afonso Henriques viesse a chamar-se Moniz, uma vez que o apelido da linhagem era Viegas.

De fato, naquele pobre trabalho, ao iniciar o estudo genealógico, dei como antepassado remoto dos Monizes Barreto da Bahia a

Vasco Gil Moniz, enquanto que êle era, por motivo do seu casamento com D. Leonor de Lusignan, a descendente dos Reis de Chipre, o progenitor dos chamados Monizes de Lusignan, que, como se verá adiante, jamais tiveram qualquer parentesco com os Monizes do Algarve e com os seus descendentes, os Monizes da Ilha Terceira, dos quais, no século XVI, passou à Bahia Egas Moniz Barreto, tronco da nobre estirpe, que tanto tem honrado o Brasil.

A circunstância de os nobiliários de Felgueiras Gayo e da Ilha Terceira mencionarem Egas Moniz Barreto sem geração, de modo algum invalida a tese aqui sustentada. Pelo contrário, prova, apenas, quão eram, e infelizmente continuam, tênues as relações nos estudos genealógicos entre Portugal e Brasil.

Felizmente, o Catálogo Genealógico de Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, publicado no volume LII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, à pág. 144, na introdução do título Monizes, traça a ascendência do progenitor do ramo brasileiro desta ilustre família, coincidindo, perfeitamente, com os dois acima citados nobiliários.

O já mencionado Vasco Gil Moniz era filho de Gil Aires Moniz, escrivão da puridade do Condestável D. Nuno Alvares Pereira. Casou-se, como já disse, e em segundas núpcias, com D. Leonor de Lusignan, de quem houve descendência apenas em seis gerações, quebrando-se a varonia na última, na pessoa de D. Luiza Moniz de Lusignan, casada com seu primo, D. Francisco de São Payo, 9.º Senhor de Vila Flor, e dos quais descendem todos os São Payo desta linhagem, sendo hoje, por legítima varonia, representante e chefe do nome e armas o Senhor D. Antonio Pedro Maria da Luz de São Payo de Melo e Castro de Albuquerque de Mendonça Furtado da Silva Torres Moniz de Lusignan, atual 7.º Conde e 4.º Marquês de São Payo, diplomata português, jurista, genealogista e heraldista de renome na Europa.

Ouçamos a palavra autorizada do emérito linhagista Felgueiras Gayo.

Diz êle, à pág. 22 do 21.º tomo do seu notável nobiliário, escrito em 1830 "Não sabemos se he destes", isto é, dos Monizes Barreto, de que nos ocupamos, ao referir-se a Gil Aires Moniz, do Algarve, e pai do acima citado Vasco Gil Moniz.

Fica, assim, desta forma provado que os Monizes de Lusignan não têm, e nunca tiveram, qualquer parentesco com os Monizes Barreto da Ilha Terceira, oriundos do Algarve, descendentes que eram dos Alcaldes-mores de Silves e dos Senhores de Angeja.

Além disto, ocorre uma circunstância muito significativa: na descendência, em seis gerações, do casal Vasco Gil Moniz e D. Leonor de Lusignan jamais houve alguém com o nome de Egas, ao contrário do que, a cada passo e até hoje, acontece com os Monizes da Ilha Terceira. Foram e são muitos os Egas e, entre êles, o que passou à Bahia. Também, nunca apareceu entre os Monizes da Ilha Terceira um Febo, nome de origem bizantina e usado pelo pai de D. Leonor, mulher de Vasco Gil Moniz, e repetido na sua descendência. Mais um indício da nenhuma relação de sangue entre as duas linhagens homônimas.

Diante do exposto, parece não haver razão para que os Monizes Barretos brasileiros deixassem as suas armas originárias, as que sempre foram usadas pelos seus antepassados e parentes insulares, para adotar um brazão esquartelado de Monizes e Lusignan-Chypre, tal como fizeram os antigos Monizes de Lusignan, hoje Condes e Marqueses de São Payo, reconhecidos chefes desta última linhagem.

Não posso atinar por que motivo a família Moniz da Bahia, ao adotar como suas as armas de Moniz de Lusignan, não tomou igualmente o nome de Moniz de Lusignan, continuando a chamar-se Moniz Barreto. Quando uma família adota determinadas armas, é por muito se orgulhar da linhagem que êste brazão representa e, logicamente, deveria usar o respectivo apelido. Entretanto isto não sucedeu: eram Monizes Barreto de ilustre e vetusta linhagem insulana a usar as armas de outra estinta e com a sua representação numa terceira.

Acresce, ainda, a circunstância de essas armas de Moniz-Lusignan, além de serem usadas imprópriamente, aparecerem erradas: não foi respeitado o "privilegio", isto é, quando esquarteladas, no primeiro quartel deveriam figurar as armas de origem real; no segundo, as da varonia e, no elmo, o timbre respectivo, e êste em caso algum poderia ser usado, pois os timbres de origem real não devem aparecer em nenhuma composição, a não ser nas da própria família, neste caso a dos Lusignan-Chypre.

O aparecimento de armas de origem real é sempre uma honra, mas esta não se estende ao timbre. Nem os próprios Monizes-Lusignan jamais o fizeram. Além disto, o escudete que tem aparecido no centro do grande esquartelado, de prata com o leão preto, também se ressent de impropriedade. A posição do escudete deveria ser sobre o esquartelado Lusignan-Chypre e em campo de ouro com o mesmo leão preto, pois assim ensinam heraldistas de renome, em virtude de considerarem como pertencente à família a que se teriam aliado

os Lusignan-Chypre e pelo lugar que ocupa, uma grande representação, apesar de, até hoje, não ter sido identificado o seu apelido. Mais ainda: em reproduções deste brasão, o segundo quartel Lusignan é representado por um xadrezado de azul e prata, ao invés do burelado dos mesmos esmaltes, e sem o leão vermelho.

No que toca ao timbre, o caso torna-se ainda mais complicado. Uma vez que não foi respeitado o privilégio, não se explica no timbre o leão vermelho coroadado de ouro, dos Lusignan, em lugar do leopardo azul com uma estrela na testa, dos Monizes, como logicamente deveria ser. A respeito dessas armas, assim se exprime Braancamp Freyre, à pág. 45 do livro III.º da sua notável obra "A Sala dos Brasões de Sintra": estas armas estão erradíssimas. . .

Ora, não serei eu a acrescentar algo à opinião de tão erudito e saudosos mestre.

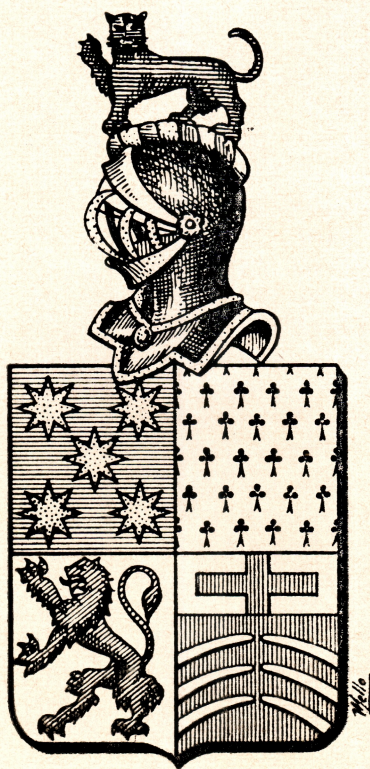
Vejamos, agora, quais as armas que, historicamente, pertencem aos Monizes Barreto da Ilha Terceira, um dos quais lançou o ramo ilustre que se estabeleceu na Bahia. São elas: um esquartelado; o 1.º de azul, com 5 estrelas de ouro, de oito raios, postas em aspas-MONIZES; o 2.º, de arminho pleno-BARRETOS; o 3.º, de prata, com um leão de púrpura armado e linguado de azul-SILVAS; e o quarto, de vermelho, com seis costas de prata, postas 2, 2 e 2, firmadas nos flancos, chefe de prata carregado de cruz do primeiro esmalte, solta nos flancos — dos CÔRTE-REAIS.

Estava esse brasão esculpido na pedra d'armas que figurava na Capela de S. Guilherme da Casa de Valle de Linhares, solar que foi dos Monizes Barreto, nos arredores da cidade de Angra.

Na segunda metade do séc. XIX, foi a referida capela demolida por motivo da reedificação da mesma casa, cujo fundador, Guilherme Moniz, o Velho, bisavô do que veio para a Bahia, foi o primeiro que passou do Algarve à Ilha Terceira, a fim de nela adquirir terras e fundar o seu solar, como o fez na Freguezia de S. Bento.

Verdade é que na descrição que faz desse brasão o Desembargador Eduardo de Campos de Azevedo Soares, na sua obra "Nobiliário da Ilha Terceira", diz: no 2.º quartel, 5 flôres-de-lis em Sautor.

Isto não era possível, pois, num brasão de armas composto, em via de regra, o 2.º quartel é ocupado pelas armas da linha materna do armigerado. Ora Guilherme Moniz, o Velho, que passou à Ilha Terceira e ergueu o seu solar, como se diz no título de Monizes do referido nobiliário, era filho de Henrique Moniz, o Velho, Alcaide-mor de Silves, e de sua 2.ª mulher, D. Inês de Menezes.



Brazão da Família Moniz Barreto da Bahia

Barreto, da linhagem dos Barretos, filha de Gonçalo Nunes Barreto e neta de outro Gonçalo Nunes Barreto, apelido êste, cujas armas, segundo o Regimento dos Reis de Armas, tinham forçosamente de figurar no 2.º quartel, por ser a mais próxima da linha feminina.

O 3.º quartel, com as armas dos Silves, em campo de prata com um leão de púrpura, provém do casamento de Henrique Moniz, 3.º Alcaide-mor de Silves, com D. Francisca de Menezes, filha de Gonçalo da Silva, Senhor de Abuil, e neta de João da Silva, Senhor de Vagos, e o último quartel, com as armas de Corte-Real, provém de D. Joana, mulher de Guilherme Moniz, o Velho, e filha de João Vaz Côrte Real, Capitão-Donatário da Ilha Terceira.

O timbre, como é normal, o leopardo de azul com a estrêla de ouro, de oito raios, na testa — dos Monizes.

Houve, entretanto, na descrição do Nobiliário da Ilha Terceira, um equívoco, aliás bastante comum, em se tratando de escultura de pedras d'armas. O 2.º quartel, o dos Barretos, é descrito apenas com 5 flôres-de-lis. O que houve foi o seguinte: o canteiro que executou o trabalho, como a maioria dos seus colegas naquela época, não compreendendo os desenhos-padrões, não raro mal debulchados, tomou as pontas de arminho que não têm número certo, por flôres-de-lis e, por conta própria, limitou-as a cinco. Isto ocorria com muita frequência em pedras d'armas, em geral esculpidas em granito, — pedra dura, — e por artistas bisonhos. Há muitos exemplos de enganos dessa natureza, em capelas e velhos solares portugueses. Em Lisboa mesmo, há um exemplo curioso disto: a pedra d'armas, magnificamente esculpida, na porta principal do Palácio dos Duques de Palmela, com as armas dos Sousas de Calhariz, lá está ostentando as quadrenas de crescentes erradamente em de púrpura, quando deveriam estar em campo de vermelho, como manda a boa Armaria.

Braancamp Freyre, no seu "A Sala dos Brazões de Sintra", a êsse respeito se exprime de maneira um tanto irônica.

Houve, também, em Portugal um retrato de Egas Moniz, no qual apareceram pintadas as armas dos Monizes de Lusignan, esquecendo o seu autor que o aio de D. Afonso Henriques vivera três séculos antes do aparecimento da linhagem de Moniz de Lusignan no cenário nobiliárquico português.

Não fôra a horrível catástrofe que, a 1.º de novembro de 1755, destruiu parte de Lisboa, num memorável terremoto, seguido de maremoto, fazendo desaparecer o Paço da Ribeira, residência dos Reis e, com êle, o seu preciosíssimo recheio, inclusive o Cartório da

Nobreza, com mais de 3.000 registros de cartas de braço de armas, não estaríamos hoje a nos debater em dúvidas e incertezas, que nos obrigam a deduções e raciocínios, na ânsia de explicar fatos facilmente averiguáveis, se tivéssemos ao alcance toda aquela documentação, que a fúria dos elementos em poucos minutos destruiu, reduzindo a nada o trabalho paciente de tantos séculos.

Por um desses acasos providenciais, acham-se fora do Cartório da Nobreza, em poder de Frei Manuel de Santo Antonio e Silva, naquela época Reformador do Cartório da Nobreza, três grossos volumes, *in folio*, contendo o registro de 448 cartas de braço de armas.

Esses preciosos documentos, após passarem por várias mãos, chegaram, no final do século passado, a ser propriedade do eminente e probo linhagista português Dr. José de Sousa Machado, sendo, depois, adquiridos ao seu espólio pelo ilustre genealogista e heraldista notável Afonso de Dornêlas.

Após o falecimento desse último, há poucos anos, foram adquiridos pelo Estado e se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Esses documentos, devidamente sumariados, foram dados à publicidade, com o nome de — “Brazões Inéditos” — pelo acima mencionado Dr. Sousa Machado. Infelizmente, essa documentação em nada pode ajudar ao assunto versado nestas linhas.

Ao encerrar essas modestas considerações, desejo declarar que, em absoluto, não me moveu o propósito de ensinar ou corrigir, e sim o dever de penitenciar-me de informações passadas, que poderiam induzir em erro estudiosos, que acaso, me tenham dado a honra de ler.

Com o maior reconhecimento, creia-me amigo certo

Temos a grata satisfação de inserir nesta Revista a carta acima dirigida pelo Dr. Orlando Guerreiro de Castro conhecido e festejado heraldista ao não menos ilustre historiador Dr. Pedro Maria de Aragão nosso prezado consócio.

BRAZÕES DE ARMAS DA DIOCESE DE BONFIM

Ir. Paulo Lachenmayer O. S. B.

Ao iniciar eu a criação de braços de armas diocesanas no Brasil, começando pelo braço da Arquidiocese do Rio de Janeiro, veio ter comigo S. Exc.^a Revma. o sr. Dom José Alves Trindade, então bispo diocesano de Bonfim. Contagiado pelo entusiasmo que o trabalho me inspirava, encarregou-me êle da criação do escudo da diocese como, também, da organização uniforme dos escudos de tôdas as paróquias da dita diocese, os quais devem servir como base para os sêlos paroquiais.

Encontrei, também, no jovem Prelado plena compreensão quanto ao abuso, que as Câmaras Eclesiásticas faziam muitas vêzes, em usar os braços de armas pessoais de bispos, arcebispos e cardeais para timbragem de seus papéis oficiais.

Entusiasmado com tanta compreensão comecei a dar execução à honrosa incumbência.

Passados uns anos e já outro Prelado regendo os destinos da diocese, encontrei igualmente de sua parte o mesmo entusiasmo como em Dom José Alves Trindade, manifestando grande interêsse em ver terminado o trabalho já adiantado.

Celebrando-se agora o vigésimo quinto aniversário da ereção da Diocese tenho a satisfação de poder oferecer completamente executado o Armorial da Diocese com as suas paróquias.

Abrangendo êste tôdas as paróquias, julgo ser o mesmo não sòmente o primeiro, mas talvez o único no mundo.

Está, pois, de parabens a diocese de Bonfim, que, apesar de tão nova ainda, vem ter como primeira, um Armorial dêste gênero.

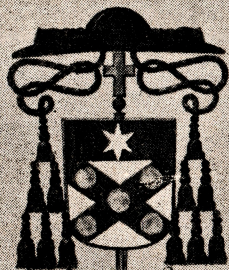
Mosteiro de S. Bento, Salvador, 27 de Setembro de 1958

Armorial da Diocese de Bonfim

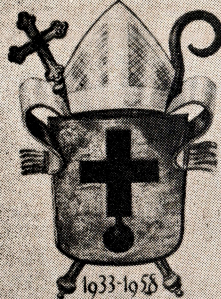
por ocasião do jubileu de prata de sua
ereção



Ut omnes unum sint
D. José Alves Trindade, 1949-1957



Usque in finem
D. Hugo Bressane de Araújo, 1930-1940



1933-1958



Suscipe Corda
D. Henrique Galland Trindade, 1941-1948



Iustitia et caritas
D. António Almeida de Matos, 1957

Brasões das Paróquias



Bom Jesus
Bela Vista de Alagoas



Santo Antônio
Jurema



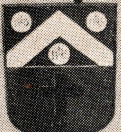
Santo Antônio
Companhia



Santo Antônio
Ducasse



Santo Antônio
Cidade de Bonfim



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Olaria



Santo Antônio
Quimadas



Santo Antônio
Europa



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



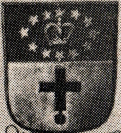
Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



Santo Antônio
Alagoas



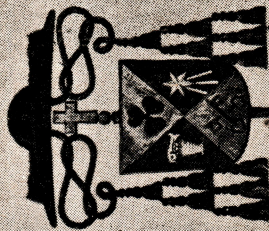
Santo Antônio
Alagoas



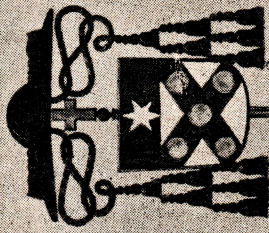
Santo Antônio
Alagoas

Armadil da Diocese de Bonfim

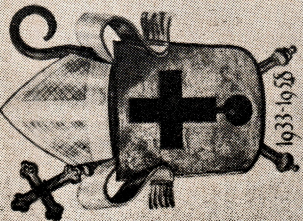
por ocasião do jubileu de prata de sua
terceira



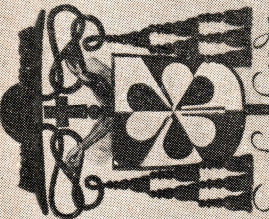
Hi omnes unum sint
O 999º Anos em honra, 1940-1957



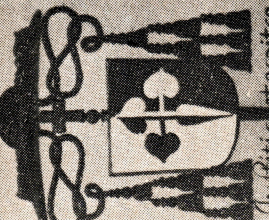
Asque in finem
O 2º Anos de Arcebispo, 1930-1940



1933-1938



Suum Corda
O 1º Anos de Arcebispo, 1941-1943



Iustitia et caritas
O 2º Anos de Arcebispo, 1944-1945

Brasões das Paróquias



Sancti Spiritus
O 1º Anos de Paróquia, 1946-1947



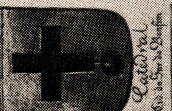
Sancti Spiritus
O 2º Anos de Paróquia, 1948-1949



Sancti Spiritus
O 3º Anos de Paróquia, 1950-1951



Sancti Spiritus
O 4º Anos de Paróquia, 1952-1953



Sancti Spiritus
O 5º Anos de Paróquia, 1954-1955



Sancti Spiritus
O 6º Anos de Paróquia, 1956-1957



Sancti Spiritus
O 7º Anos de Paróquia, 1958-1959



Sancti Spiritus
O 8º Anos de Paróquia, 1960-1961



Sancti Spiritus
O 9º Anos de Paróquia, 1962-1963



Sancti Spiritus
O 10º Anos de Paróquia, 1964-1965



Sancti Spiritus
O 11º Anos de Paróquia, 1966-1967



Sancti Spiritus
O 12º Anos de Paróquia, 1968-1969



Sancti Spiritus
O 13º Anos de Paróquia, 1970-1971



Sancti Spiritus
O 14º Anos de Paróquia, 1972-1973



Sancti Spiritus
O 15º Anos de Paróquia, 1974-1975



Sancti Spiritus
O 16º Anos de Paróquia, 1976-1977



Sancti Spiritus
O 17º Anos de Paróquia, 1978-1979



Sancti Spiritus
O 18º Anos de Paróquia, 1980-1981

BRASÃO DE ARMAS DE DOM HUGO BRESSANE
1.º BISPO DE BONFIM

Escudo: De prata, uma aspa de azul carregada com cinco besantes de ouro e um chefe de vermelho com uma estrêla de seis raios de prata.

Insignias: Episcopais (chapéu prelatício com três fileiras de borlas, de verde e cruz processional).

Lema: "Usque in finem".

Comentário: O escudo é o da família dos Araújo, antepassados do armigerado, usando, como diferença, um chefe vermelho, que significa o amor do bispo para com as suas ovelhas, seguindo o exemplo de Divino Pastor — "dilexit nos usque in finem". A Estrêla representa Nossa Senhora, sob cuja proteção aceitou o cargo episcopal.

BRASÃO DE ARMAS DE DOM FREI HENRIQUE GOLLAND
TRINDADE OFM., 2.º BISPO DE BONFIM

Escudo: Dividido em seis girões de vermelho e prata. No meio um trevo (símbolo da SS. Trindade) com tintura trocada, tendo as fôlhas a forma de coração, aludindo ao Lema "Sursum Corda" (coração ao alto).

Insignias: Episcopais (chapéu prelatício com três fileiras de borlas, de verde e cruz processional) com os braços cruzados das armas da Ordem de S. Francisco.

BRASÃO DE ARMAS DE DOM JOSE' ALVES TRINDADE,
3.º BISPO DE BONFIM

Escudo: Franchado de ouro e azul. No 1.º um trevo de vermelho e contrário duas chaves em aspa, do mesmo. No 2.º uma cesta com pães e um peixe de prata e no contrário uma estrêla de seis pontas e três raios, do mesmo.

Insignias: Episcopais (chapéu prelatício com três fileiras de borlas, de verde e cruz processional).

Lema: "Ut omnes unum sint".

Comentário: O trevo, além de ser símbolo da Sma. Trindade, relacionado com o nome de família do armigerado, lembra, também, o início da obra redentora do Cristo, no qual a humani-

dade é chamada a ser um só corpo com Cristo — a Igreja (as duas chaves), alimentada com o sacramento da união — a Eucaristia (pães e peixe) e que é protegida pela Mãe Santíssima (estrela matutina).

(Este brasão é o único de outra autoria).

BRASÃO DE ARMAS DE DOM ANTÔNIO MENDONÇA MONTEIRO — 4.º BISPO DE BONFIM

Escudo: Partido de prata e vermelho, com uma cruz rematada com folhas de golfão e pé aguçado, entrecambada.

Insígnias: Episcopais (chapéu prelatício com três fileiras de borlas, de verde e cruz processional).

Lema: "Justitia et caritas".

Comentário: "Deus é Caridade" (I Joa. 4, 16). "O Verbo se fez carne e habitou entre nós", amando-nos com um coração humano, por nós aberto na cruz pela lança do soldado: Do coração aberto correm o sangue (côr vermelha) e a água (prata): símbolos dos dois sacramentos do Amor: Batismo, onde o Pai nos adota como filhos, e Eucaristia, onde nos alimenta com o Pão do céu.

Se na cruz se manifesta, excelentemente, a Caridade de Deus, manifesta-se, também, a sua Justiça, a exigir de seu Filho a satisfação pelos crimes do mundo! O pé da cruz (espada), fala da Justiça, como os três braços (corações), falam da Caridade.

Armado, pois, com a Caridade do Coração de Jesus e a espada da justiça de Deus, o Bispo vai "combater o bom combate" até "consumar a sua carreira", para receber "a corôa da justiça".

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DA CATEDRAL

Escudo: O mesmo como o da diocese, sem insígnias.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SANTANA DE TUCANO

Escudo: Cortado — O primeiro contracortado de vermelho e preto e uma estrêla de seis pontas, entrecambada; e, o segundo de ouro, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A Senhora Sant'Ana é a estrêla, conforme o hino da sua festa, que rompeu a escuridão (campo preto) do Antigo Testamento, mãe da Aurora (campo vermelho), da qual nasceu Cristo, o Sol da justiça. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE ABARÉ

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro uma asna de prata entre três besantes do mesmo, cada uma com o monograma de Jesus, em preto (hostias); e no segundo uma cruz preta fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O chaveirão, chamado na heráldica, também, asna, toma êsse nome do animal de carga por identificar-se com o lombo agudo.

Simboliza aqui o milagre do jumento diante o Ssmo. Sacramento na vida de Santo Antônio.

O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÔNIO DE CAMPO FORMOSO

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro três pães, de ouro e no segundo uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O pão de Santo Antônio é símbolo dos bens, que o padroeiro continúa a distribuir aos seus fiéis, que lhe são confiados.

O segundo cortado é o escudo da diocese da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SANTO
ANTÔNIO DA GLÓRIA

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro dois peixes em banda alinhados em faixa, de prata e duas burelas onduladas procrantes sôbre a parte inferior, entrecambadas. No segundo uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O primeiro cortado representa o milagre de Santo Antônio pregando aos peixes; o segundo é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SANTO
ANTÔNIO DE JACOBINA

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro uma flor de lis alada com azas de serafim, de prata e, no segundo, uma cruz preta fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A flor alada representa o padroeiro da Paróquia, o lírio, é da Ordem Seráfica e o segundo cortado é o escudo da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SANTO
ANTÔNIO DE QUÊIMADAS

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro um martelo alado, de prata e, no segundo, uma cruz preta, fincada por meio de um pino numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A figura honorífica do primeiro cortado ilustra o título "Martelo dos herejes", que a Igreja deu ao seu filho da Ordem Seráfica. O cortado com a cruz é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE BOM JESUS
DA BÔA VISTA DE UTINGA

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro o monograma IHC encimado o H com uma cruz latina, de prata; e, no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O monograma do nome de Jesus em grego, uzando, em vez do sigma, o C do alfabeto latino, que precedeu o uso do S.O., segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DO SENHOR BOM JESUS DA BÔA MORTE DE CURAÇA'

Escudo: De púrpura, cortado de ouro. No primeiro uma cruz latina entre uma cruzeta a direita e uma aspa a esquerda, de prata e, no segundo, uma cruz preta, fincada por meio de um pino numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: Cristo, morrendo na cruz, ainda deu uma boa morte ao bom ladrão, que soube aproveitar a ocasião da graça (as duas cruzes em pé), o mau ladrão (aspa), porém, regeitou para sua perdição, a graça oferecida. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DO BOM CONSELHO DE CÍCERO DANTAS

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro um coração com uma flor de lis nascente, de prata; e, no segundo, uma cruz preta, fincada por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O coração de Maria é a sede da sabedoria, da qual podemos esperar sempre um bom conselho. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DA CONCEIÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro uma flor de lis de prata e, no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A candura do lírio é símbolo da Imaculada Conceição. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DA CONCEIÇÃO DE ITIÚBA

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro uma coroa de rainha entre doze estrêlas de cinco pontas, que a rodeiam, de ouro; no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: As doze estrêlas são da visão apocalítica e têm relação com a Virgem Imaculada, Rainha do céu. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DA CONCEIÇÃO DE MIGUEL CALMON

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro um crescente com uma flor de lis nascente, de prata; no segundo uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O lírio representa a Virgem Imaculada, a mulher do apocalipse com a lua debaixo de seus pés. O segundo, cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DO SAGR. CORAÇÃO DE JESUS DE MONTE-SANTO

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro um "Agnus Dei", de prata, nimbado de ouro e ferido na espádua de vermelho, assento num monte de prata. No segundo uma cruz, de preto, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O amor do Sagrado Coração de Jesus por nós, chegou ao ponto de sacrificar-se até a última gota de sangue — "dilexit nos usque in finem". O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DO SAGR. CORAÇÃO DE JESUS DE RIACHÃO DE JACOBINA

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro um pelicano num ninho nutrindo seus filhos com seu sangue; e, no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O pelicano simboliza o amor do Coração Eucarístico de Jesus para com os fiéis e o segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SÃO DOMINGOS DE IRECÊ

Escudo: De preto, cortado de ouro. No primeiro uma estrêla de seis raios, de ouro; e no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A estrêla é o atributo de São Domingos. A madrinha de batismo dêle viu em sonho, na noite de seu nascimento, um menino com uma estrêla na testa, com a qual iluminava tôda a terra. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DA GRAÇA DO MORRO DO CHAPÉU

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro uma flor de lis com a folha do meio substituída por uma cruz pátea, de prata. No segundo uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A figura honorífica da Padroeira é o lírio, do qual nasce a cruz (o Cristo). Nossa Senhora da Expectação ou da Graça. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BAT. DE JAQUARARE'

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro uma vieira, de prata; e, no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A vieira ou concha é o instrumento que S. João usava para tirar água do Jordão, batizando como precursor do Cristo. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BAT. DE JEREMOABO

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro um "Agnus Dei" em pé, de prata, nimbado de ouro e sustentando uma bandeira de prata com cruz vermelha e hasteada de ouro. No segundo uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O "Agnus Dei" é o atributo de São João, o qual êle aponta com o dedo, dizendo: "Êle tem de aumentar, eu, porém, de diminuir" (degolação). O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BAT. DE UAUÁ

Escudo: De vermelho, cortado de ouro. No primeiro duas burelas de prata entre 3 vieiras, do mesmo; e, no segundo, uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: O rio Vasa Barris lembra, com o Padroeiro da paróquia, São João Batista, o Jordão, onde o precursor de Cristo pregava e batisava. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DO PATROCÍNIO DE PARIPIRANGA

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro um manteler de ouro carregado de uma flor de lis; e, no segundo, uma cruz preta, fincada por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: Nossa Senhora do Patrocínio (ou Protetora) é simbolizada pelo manteler, divisão essa, que deixa os flancos em forma de um manto aberto para abrigar aqueles, que procuram refúgio seguro. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE N. SNRA. DA SAÚDE DE SAÚDE

Escudo: De azul, cortado de ouro. No primeiro um "M" unzial, de ouro, encimado por uma estrêla, do mesmo; e, no segundo, uma

cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: A letra M é abreviação do nome de Maria, debaixo de tal invocação se espera a saúde do corpo e da alma. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

BRASÃO DE ARMAS DA PARÓQUIA DE STA. TERESA DE RIBEIRA DE POMBAL

Escudo: De prata, cortado de ouro. No primeiro um coração, de vermelho, traspassado por uma flecha flamejante, alineada em barra, do mesmo. No segundo uma cruz preta, fincada, por meio de um pino, numa esfera pequena, do mesmo.

Comentário: Santa Teresa é representada pelo coração ferido pelo anjo, em sinal de amor, com uma seta flamejante. O segundo cortado é o escudo da diocese, da qual faz parte a paróquia.

